

CAMINHOS PARA A INCLUSÃO: ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR

Sara Regina Hokai¹

Diego da Silva²

RESUMO: Este Relatório de Estágio Básico Supervisionado II apresenta as observações de práticas de inclusão adotadas por uma instituição de ensino superior da cidade de Curitiba-PR. O estágio envolveu quinze horas de observação, abordando as medidas de apoio psicopedagógico, intervenções com professores e os desafios acadêmicos enfrentados pelos estudantes. As adaptações propostas pela área de apoio psicopedagógico da instituição incluíram medidas de ensino para melhor processo de aprendizagem dos estudantes. O relatório destaca o aumento de casos de saúde mental e a preocupação com o acolhimento adequado, observando avanços e a importância de ações que promovam a inclusão plena na universidade. A fundamentação teórica explora a inclusão no ensino superior e descreve a importância de mecanismos e adaptações para evitar a evasão acadêmica de estudantes com deficiência. A análise do estágio revela a necessidade de ações contínuas e estruturadas para que estudantes com necessidades específicas possam não só ingressar no ensino superior, mas também concluir seus estudos com sucesso.

3900

Palavras-Chave: Inclusão. Ensino Superior. Adaptações. Deficiência.

1. INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta as atividades que foram realizadas durante o Estágio Básico Supervisionado II do curso de Psicologia da UniEnsino. As horas de estágio foram realizadas em uma Instituição de Ensino Superior situada na cidade de Curitiba, Paraná. O estágio foi realizado na área responsável pela formulação e acompanhamento das políticas de inclusão, com foco em atender as necessidades de estudantes com diagnósticos que demandam adaptações pedagógicas e acompanhamento especializado, como transtornos do neurodesenvolvimento e condições de saúde mental.

¹Estudante de Psicologia pela UniEnsino, Secretária Executiva, Especialista em Neurociência, Psicologia Positiva e Mindfulness, Especialista em Engenharia de Negócios, Mestre em Administração.

²Psicólogo, Mestre e Doutorando em Administração pela Universidade Positivo. Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

O objetivo principal deste estágio foi avaliar as práticas institucionais e acompanhar atendimentos realizados por profissional da área de inclusão e apoio psicopedagógico, analisando o impacto das estratégias de inclusão no ambiente universitário e identificando desafios enfrentados tanto pelos estudantes quanto pelos profissionais responsáveis por sua implementação. A inclusão educacional, especialmente no contexto do ensino superior, demanda um olhar atento e ações concretas para garantir que os estudantes tenham acesso pleno ao aprendizado e à convivência acadêmica.

Nos últimos anos, a inclusão no ensino superior tem se consolidado como um tema de destaque devido ao aumento da presença de estudantes com deficiência ou necessidades educacionais específicas nesse nível de ensino. Dados do Censo da Educação Superior (2023) apontam que 92.756 estudantes com deficiência estavam matriculados em cursos superiores, representando um crescimento de 17% em relação ao ano anterior. Apesar desse avanço, o número ainda é pequeno, correspondendo a menos de 1% do total de matriculados, o que evidencia a necessidade de melhorias contínuas nas políticas de inclusão.

Políticas como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015 e o programa "Incluir", instituído pelo Ministério da Educação (MEC) em 2005, trouxeram avanços significativos ao propor adaptações físicas, pedagógicas e atitudinais para assegurar o direito à educação. No entanto, desafios permanecem. Estudos como os de Guimarães e Costalunga (2022) destacam a importância de estruturar departamentos de suporte nas Instituições de Ensino Superior (IES) para atender adequadamente esses estudantes e garantir que sua permanência no ambiente universitário seja acompanhada de autonomia e qualidade.

O estágio supervisionado permitiu o contato direto com essas práticas, possibilitando a observação de atendimentos, o diálogo com profissionais da área psicopedagógica e a análise das estratégias implementadas pela Instituição para lidar com casos de inclusão. Este relatório busca relatar as experiências vivenciadas e contextualizá-las com base no referencial teórico, enfatizando a relevância de práticas inclusivas bem estruturadas para superar as barreiras enfrentadas por estudantes e para promover um ambiente universitário realmente acessível.

As atividades observadas, descritas detalhadamente ao longo deste documento, mostram a complexidade e a relevância da inclusão no ensino superior, destacando avanços, desafios e a necessidade de um olhar interdisciplinar para atender as demandas da diversidade presente no contexto acadêmico.

2. DESCRIÇÃO GERAL DAS PRÁTICAS REALIZADAS

Dia 01 - neste dia, o objetivo seria acompanhar o atendimento de uma estudante universitária de 20 anos que tem diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, estudante que é acompanhada mensalmente por um psicólogo da área de apoio psicopedagógico da Instituição de ensino, a estudante tem acompanhamento recorrente de um profissional externo e há encontro mensal com o psicólogo da Instituição para saber como estão as questões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem da estudante. Um pouco antes do horário agendado a estudante comunicou que não iria comparecer ao atendimento, o atendimento foi reagendado para o dia seguinte (19/09/24). No entanto, o momento foi importante para alguns esclarecimentos adicionais sobre os procedimentos adotados pela área, o psicólogo responsável pelo atendimento da estudante informou quais os processos normalmente estabelecidos pela instituição em caso de inclusão, como da estudante em questão, também foram apresentadas algumas informações importantes, como o relato de aumento significativo de casos de saúde mental, a preocupação da área em estar atentos e buscando melhorar os encaminhamentos de casos de inclusão com professores e coordenadores de curso, relatou que muitas vezes é difícil conseguir que as medidas propostas sejam de fato aplicadas, comentou sobre as diversas ações que estão sendo promovidas pela área para conscientização da comunidade acadêmica, comentou sobre intervenções realizadas em sala de aula com turmas, mencionou a preocupação que os profissionais da área tem em equilibrar as situações entre o que é possível realizar de adaptações para estudantes de inclusão sem deixar de lado as características dos cursos e suas particularidades metodológicas. Foi uma conversa muito produtiva e de muita reflexão.

3902

Dia 02 - A estudante que havia reagendado o atendimento não compareceu novamente, mas segundo a profissional que acompanha a estudante ela estava bem, houve contato do psicólogo da Instituição com a profissional que faz o acompanhamento externo da estudante para saber se estava tendo contato com a estudante.

Dia 03 - neste dia, o objetivo foi acompanhar o atendimento de um estudante universitário, do segundo período, de 19 anos, com diagnóstico de TDAH, o estudante comparece mensalmente à área de apoio psicopedagógico da instituição para acompanhamento do seu desenvolvimento acadêmico, o estudante não utiliza medicação. Tive a oportunidade de observação do atendimento do estudante pelo psicólogo da Instituição. O estudante foi informado anteriormente que eu estaria presente durante o

atendimento e aceitou a minha presença. Antes do atendimento ao estudante o psicólogo me passou informações sobre o estudante, como idade, curso, transtorno da inclusão, encaminhamentos propostos aos professores para inclusão, os professores recebem as orientações via e-mail, com as orientações do que é sugerido para adaptação para o melhor desenvolvimento do estudante. Ao estudante chegar no local ao cumprimentá-lo, percebi que estava com as mãos suadas, apresentava sintomas comuns do TDAH, como mãos que ficavam mexendo a todo tempo, também puxava a manga da blusa, demonstrando certa ansiedade. Após iniciar as perguntas, o psicólogo utilizou as anotações dos atendimentos anteriores para realizar as perguntas ao estudante para o acompanhamento do desenvolvimento do estudante. Perguntas como: como está sendo o desenvolvimento com as atividades em equipe, este foi o item de maior reclamação em atendimentos anteriores e que houve orientação aos professores para ajudar o estudante a ingressar nas equipes, o estudante comentou que houve avanço que está mais integrado, mas ainda tem alguma dificuldade em uma determinada disciplina. O psicólogo perguntou como está, quando trabalha em equipe, a interação, se está conseguindo expor suas ideias, o estudante citou exemplo de atividade em grupo em que ele deu a ideia principal e que a equipe acolheu, neste momento foi possível perceber que o estudante se mostrou orgulhoso, inclusive houve até mudança no corpo quando comentou sobre isso, ele estava mais encolhido e neste momento houve um levantamento nos ombros. O psicólogo perguntou se os professores fizeram alguma intervenção para integrá-los as equipes ou se foi uma iniciativa dele, ele disse que foi ele que tomou a iniciativa. O psicólogo perguntou ao estudante se está tendo acompanhamento terapêutico, pois até o último atendimento o estudante não estava tendo acompanhamento, o estudante comentou que iniciou começou recentemente o acompanhamento terapêutico externo. O psicólogo perguntou como está sendo e o estudante disse que ainda está avaliando, não quis mencionar mais nada a respeito. O psicólogo perguntou como estão as notas, se está com alguma dificuldade específica. O estudante disse que está melhorando e que, em geral, tem conseguido acompanhar as disciplinas. O psicólogo perguntou se ele tem ido as aulas e como estavam os atrasos. O estudante disse que tem comparecido as aulas e que chega no horário. O psicólogo perguntou se o estudante teria mais alguma queixa em que pudesse ajudar, o estudante disse que não. Ao final do atendimento o psicólogo fez um resumo do atendimento e os encaminhamentos combinados, se colocou à disposição do estudante para ajudá-lo quem qualquer situação em que o estudante perceba que não está conseguindo dialogar com os professores para os

encaminhamentos de inclusão e pediu para que o estudante compareça daqui um mês e meio para uma nova conversa de acompanhamento. Foi possível perceber que o estudante apresenta dificuldade de comunicação e prefere atividades individuais, mas tem se desenvolvido, apresentado alguns avanços. Foi possível perceber um acolhimento bem importante do estudante, ao final do atendimento o estudante estava mais à vontade. Após o atendimento do estudante, conversei com o psicólogo sobre o atendimento e os pontos que considere mais relevantes da conversa, fiz perguntas sobre encaminhamentos em situações que podem se apresentar durante o atendimento, foi uma conversa bem enriquecedora sobre os principais acompanhamentos de inclusão.

Dia 04 - neste dia, o objetivo foi acompanhar o atendimento de um estudante universitário de 19 anos, com diagnóstico de TDAH, TEA leve e depressão, o estudante não é de Curitiba, mora com os tios na cidade. O estudante iniciou o curso superior no semestre passado, trancou e voltou neste semestre, relata dificuldade com interpretação dos comandos das atividades a serem desenvolvidas, organização, rotina e dificuldade em trabalhar em grupo. O estudante é acompanhado por psiquiatra externo e faz uso de medicação ritalina, neste semestre, foi atendido cinco vezes neste semestre pela área de serviço psicopedagógico da Universidade, o acompanhamento do atendimento atual foi principalmente avaliar como está o desempenho do estudante a partir das medidas de ensino propostas em atendimentos anteriores e verificar com o estudante se ele aceita um acompanhamento de um professor de língua portuguesa para ajudá-lo na interpretação de texto, como nova medida de ensino. Como medida de ensino, anteriormente proposta, foi sugerido ao estudante que diminuísse o número de disciplina a serem cursadas neste semestre, houve análise junto a coordenação do curso para avaliação de quais disciplina poderiam ser trancadas, o estudante também conta com tempo estendido para entrega dos trabalhos. Ao estudante chegar no local fui apresentada ao estudante que já havia autorizado a minha participação durante seu atendimento, aparentemente o estudante parece bem distraído e com dificuldade em se concentrar, no entanto, mostra-se aberto aos encaminhamentos. Ao iniciar as perguntas, o psicólogo perguntou como o estudante tem passado e utilizou as anotações dos atendimentos anteriores para realizar as perguntas ao estudante visando compreender como está desenvolvimento acadêmico. O estudante relatou que tem tido dificuldade nas entregas das atividades, pois tem muita dificuldade em entender o que os professores solicitam, além disso, disse que tem chegado atrasado nas aulas, tem dificuldade em entender o feedback dos professores e também tem dormido pouco, sofre de insônia e não tem tido uma alimentação

de qualidade nos últimos dias, já que mora com os tios que estavam viajando por 20 dias e ele ficou sozinho em casa neste período e comeu muito fast food, também relatou que não está fazendo nenhuma atividade física, sobre o uso da meditação comentou que na próxima consulta com o psiquiatra vai conversar sobre a mudança da medicação, pois, segundo o estudante, o remédio tem gerado efeito rebote, gerando bastante cansaço, moleza. O estudante utiliza a medicação atual (ritalina) desde a infância, sendo que parou por um período e voltou a utilizar durante o ensino médio e desde então faz uso contínuo pela manhã. Após ouvir as queixas do estudante, o psicólogo informou que irá agendar um horário para o reforço de língua portuguesa, também recomendou que o estudante na sua próxima consulta com o psiquiatra comente sobre a dificuldade que está tendo para estabelecimento de rotina e deixou prevista uma nova consulta para acompanhamento. Após o atendimento do estudante, continuei a conversa com o psicólogo, falamos sobre nossas impressões, ele comentou que irá conversar com o profissional que acompanha o estudante, principalmente, para relatar as dificuldades de falta de rotina que tem impactado em seu desempenho acadêmico.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3905

A inclusão no ambiente escolar é um tema que merece atenção e é de especial e crescente relevância, especialmente no que diz respeito ao atendimento das necessidades de estudantes com deficiências. Ao analisar a literatura sobre a temática, é possível perceber que há estudos que apresentam uma visão abrangente sobre as complexidades e desafios enfrentados tanto por estudantes que apresentam alguma deficiência, pelos responsáveis por esses estudantes, assim como para as instituições a se adaptarem as obrigações legais. O foco neste estudo é o contexto universitário, área em que foi realizado o Estágio Básico Supervisionado II.

Nos últimos anos, tem havido um aumento significativo no número de pessoas com deficiências matriculadas em cursos do ensino superior. Sendo a maior parte em cursos a distância. Segundo o Censo do Ensino Superior, em 2023, houve um aumento de 17%, em comparação ao ano anterior, de estudantes com deficiência matriculados em cursos superiores, o que representa 92.756 alunos. Embora, tenha tido um crescimento significativo no número de estudantes que apresentam alguma deficiência matriculados em cursos superiores, ainda a representatividade desses estudantes é pequena, sendo que não chega a 1% dos estudantes matriculados no geral.

Um ponto de atenção é a evasão desses estudantes, devido aos desafios de acessibilidade no decorrer do período acadêmico, gerando desistências que poderiam ser evitadas, por isso a importância de políticas que favoreçam reais adaptações dos ambientes universitários para a verdadeira inclusão.

Houve avanços em termos de políticas a serem adotadas pelas instituições, como o programa “Incluir” instituído pelo MEC em 2005 e a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (LBI) de 2015.

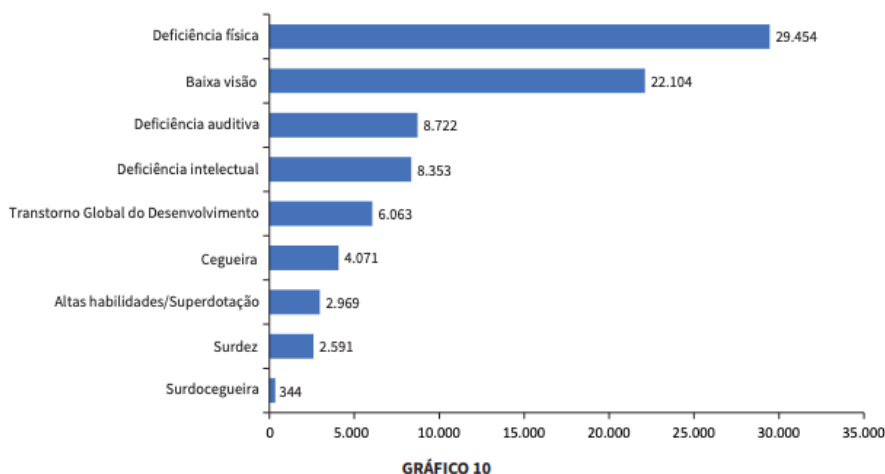
Segundo Guimarães e Costalunga (2022, p.07):

O que se pode fazer, atualmente, com as ferramentas que temos em mãos é nos preocuparmos estruturar os departamentos das Instituições de Ensino Superior que fornecem suporte a pessoa com deficiência e facilitar e disseminar a informação de que o departamento existe, caso não exista pode ser positivo criar um, pois uma vez que o deficiente está dentro do âmbito universitário não deveria ser tão difícil permanecer nele, conseqüentemente, para os que estão fora, o desejo de ingressar não esbarraria em questões básicas como a impossibilidade de exercer autonomia e não realizar qualquer atividade pelo motivo que for.

De acordo com o Censo de Educação Superior (2022) os três tipos de declaração de deficiências mais mencionadas (e que juntas respondem por mais de 70,0% do conjunto) são: deficiência física (34,8%), baixa visão (26,1%) e deficiência auditiva (10,3%)”.

O gráfico abaixo apresenta o total de matrículas, segundo o tipo de deficiência.

3906



TOTAL DE MATRÍCULAS DE GRADUAÇÃO, SEGUNDO O TIPO DE DEFICIÊNCIA, TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO OU ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO DECLARADOS – BRASIL – 2022

Fonte: Elaborado por Deed/Inep com base em dados do Censo da Educação Superior.

Além das necessidades de adaptar os ambientes e preparar tecnicamente os profissionais para inclusão desses estudantes, também há um outro aspecto importante a se

considerar: o preconceito. Segundo Ferrari e Sekel (2007, p. 642) “o preconceito é um assunto imprescindível de ser considerado ao abordar o tema da educação inclusiva”.

As autoras enfatizam três desafios para inclusão no ambiente universitário, que abrangem três níveis de ação: o institucional, a formação de professores e o cotidiano escolar. Considerando o nível Institucional, as autoras destacam que as universidades em devem se posicionar frente aos desafios da educação inclusiva. Sem esse posicionamento, alunos e professores são colocados em situações constrangedoras e inaceitáveis. Outro trabalho fundamental que envolve o processo de inclusão é a formação dos docentes, para as autoras é imprescindível que haja formação pedagógica do docente do ensino superior que contemple reflexão sobre as atitudes frente as diferenças e, segundo as autoras, ainda há a necessidade de promover um cotidiano inclusivo, para isso, a relação individual, particular entre o professor e o aluno com deficiência não é suficiente, pois a educação escolar é uma situação eminentemente grupal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de estágio realizado foi possível ter a oportunidade de observar atendimentos de casos de inclusão e dialogar com profissionais da área de apoio psicopedagógico da Instituição, sendo possível perceber os avanços e as preocupações da área em cada vez mais melhorar suas práticas e ouvir as necessidades dos estudantes e todos os envolvidos no processo de inclusão. Além disso, foi possível também aprofundar em conhecimentos sobre a inclusão e as complexidades que envolvem o tema.

Como estudante de psicologia foi uma oportunidade única de aprendizado para formação como futura psicóloga, sem dúvida poderei ver com outros olhos os desafios enfrentados pelos estudantes com deficiência e as instituições de ensino superior para a real inclusão universitária.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2022 [recurso eletrônico]. – Brasília, DF : Inep, 2024.
- FERRARI, M. A. L. D.; SEKKEL, M. C.. Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 636–647, dez. 2007.
- GUIMARAES, M., COSTALUNGA, A. A inclusão da pessoa com deficiência no ambiente universitário. URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.12, n.3, p. 115-123, jul/2022.